

Spengler, e sua realização prática nas mãos dos nacional-socialistas alemães.

Em sua sinopse sobre a civilização, Spengler reuniu, do modo mais sofisticado, muitas das idéias sobre a cidade delineadas neste trabalho. Para ele, a cidade era o principal agente civilizatório. Como Fichte, considerou-a como uma criação original do folclore. Como Voltaire, acreditou que aperfeiçoaria a civilização racional. Como Verhaeren, observou-a sugar a vida do campo. Ao aceitar a análise intelectual de Baudelaire, Rilke e Le Gallienne, considerou a humanidade urbana moderna como neonômada, que dependia do espetáculo de um cenário sempre em transformação para preencher o vazio de uma consciência não social. Com todas essas afinidades com seus antecessores, Spengler diferenciava-se de todos no mais importante campo de ação: transformou todas as suas afirmações em negações. O mais brilhante de todos os historiadores sobre a cidade odiava sua temática com a amargurada paixão dos arcaístas do *fin de siècle*, dos direitistas antidemocráticos frustrados da baixa classe média. Embora apresentasse a cidade como fatalidade, ele recebia seu legado por completo.

Os nacional-socialistas alemães dividiam com Spengler esta atitude -, embora não a riqueza de sua erudição. Suas políticas urbanas exemplificavam as seqüências da fusão de duas das tendências aqui discutidas: os valores neo-arcaístas com a noção de cidade como fatalidade além do bem e do mal.

Ao traduzir estas noções neo-arcaístas para a política pública, os nazistas começaram seu regime com uma política intensa de fazer com que a população urbana retornasse ao sagrado solo alemão. Eles tentaram tanto recolocar permanentemente o trabalhador urbano no campo quanto educar o jovem urbano no trabalho rural.³² Seu antiurbanismo, contudo, não chegou a se estender às estimadas cidades medievais de Fichte. Embora o movimento nazista tivesse se originado em um *Residenzstadt*, Munique, escolheram a medieval Nuremberg como local apropriado para o congresso anual de seu partido. Os nazistas, ao mesmo tempo que esfolavam a "estrutura literária" da década de 1920 e estigmatizavam a arte urbana como decadente, efetivaram, ao construir sua cidade, todos os elementos que os críticos urbanos haviam veementemente condenado. A cidade era a responsável pela mecanização da vida? Os nazis derrubaram as árvores do

Tiergarten de Berlim para construir a mais ampla e mais monótona rua do mundo: a Achse, onde a juventude renegada pelo campo poderia dirigir suas estrondosas motocicletas em formações uniformizadas de preto. A cidade foi o cenário da multidão solitária? Os nazistas construíram vastos quarteirões nos quais a multidão poderia intoxicar a si mesma. Teria o homem-cidade se tornado desenraizado e atomizado? Os nazistas transformavam-no em uma engrenagem dentro de uma imensa máquina. A hiper-racionalidade que os neo-arcaístas tanto deploravam reapareceu nas paradas nazistas, nas suas demonstrações, em cada aspecto organizacional da vida. Desta forma, o culto à virtude campesina e à cidade medieval e comunitária revelou-se ideológico, enquanto a realidade dos preconceitos antiurbanos levaram os vícios da cidade a uma realização inimaginável: mecanização, desenraizamento, espetáculo e - intocado por trás dos enormes quarteirões de homens que marchavam sem saber para onde - a chegada dos cortiços. Na verdade, neste ponto a cidade havia se tornado uma fatalidade para o homem, além do bem e do mal. Os antiurbanistas fizeram fruir as qualidades urbanas que mais veementemente haviam condenado. Eram para si mesmos, filhos da cidade não reformulada do século XIX, vítimas de um sonho iluminista que não deu certo.

Carl Schorske é professor na Universidade de Princeton - Depto. de História, e autor de *Viena Fin-de-Siècle* (Cia. das Letras, 1988), entre outros. O presente texto foi publicado originalmente em uma coletânea organizada por Burchard e Handtin, *The historian and the city* (Cambridge, MIT Press).

Notas

1. Versos sobre a "Morte de Adrienne Lecouvreur", conforme tradução de Brailsford, H. N. *Voltaire*. Oxford, 1947, p. 54.
(Tradução livre: Rival de Atenas, Londres, verdadeiramente abençoada / Que com seus tiranos tinha capacidade de afugentar / Os preconceitos que facções civis criaram / Homens falam o que pensam e as idéias podem ter seu lugar / Em Londres quem tem talento é o maior.)
2. Voltaire. "Le mondain", (1736). *Oeuvres complètes*. Paris, 1877, X, p. 84.
3. *Ibid.*, p. 83.
4. *Ibid.*, p. 83-86. Neste trecho Voltaire seculariza a tradicional visão medieval da divisão de funções entre o rico e o pobre na economia social de salvação. Na visão medieval, o rico ou "nobre" era salvo por sua generosidade, o pobre por seu so-

frimento. Um precisava do outro para ativar suas virtudes. Voltaire introduziu nesta simbiose estática a dinâmica da mobiiidade social. (Cf. para a visão barroca deste tradicional conceito as idéias de Abraham a Santa Clara, analisadas por Kann, Robert A. *A study in Austrian intellectual history*. Nova York, 1960, especialmente p. 70-73.)

5. Voltaire. *Le siècle de Louis XIV*. 2v., Paris, 1934, cap. III, p. 43-44.
6. Mumford, Lewis. *The culture of cities*. Nova York, 1938, p. 108-113, 129-135. Para uma análise ainda mais diferente do desenvolvimento da cidade moderna, veja Leinert, Martin. *Die Sozialgeschichte der grossstadt*. Hamburgo, 1925, III e *passim*.
7. Smith, Adam, *The wealth of nations*. Nova York, 1937, p. 379.
8. *Ibid.*, p. 390-391.
9. *Ibid.*, p. 395.
10. *Ibid.*, p. 358.
11. *Ibid.*, p. 359. Igualmente, o fazendeiro depende, segundo a teoria de Smith, de seu comprador, pois apenas a venda de seu excedente torna-o capaz de adquirir bens fabricados na cidade. Em uma economia de mercado livre todos são interdependentes.
12. *Ibid.*, p. 392-393.
13. Fichte, J. G. *Reden an die deutsche Nation*. Berlim, 1912(?), p. 125-126.
14. *Ibid.*, p. 127, 128.
15. *Ibid.*, p. 126.
16. *Ibid.*, p. 251.
17. Citação de Rivière, Mercier de la. *Tableau de Paris*. In: Mumford, Lewis, *The culture of the cities*. Nova York, 1938, p. 97.
18. Wordsworth, William. "The world". In: *Oxford book of English verse*. Oxford, 1931, p. 609.
19. Blake, William. "London". In: *The portable Blake*. Kazin, Alfred (ed.). Nova York, 1946, p. 112.
(Tradução livre: Ando por cada privilegiada rua / Próximo onde flui o privilegiado Tâmsa, / E marcaram cada face que encontro / Marcas de fraqueza, marcas de aflição.)
20. "The housing question". In: Marx, Karl & Engels, Friedrich. *Selected works*. Moscou, 1958, 2v., I, p. 546-635.
21. *Ibid.*, p. 563-564.
22. *Ibid.*, p. 588.
23. *Ibid.*, p. 589.
24. *Ibid.*, P. 627-628.
25. Cf. Herbert, Eugenia W. *The artist and social reform*. New Heaven; 1961, p. 136-139.
26. Baudelaire. "Short poems in prose". In: *The essence of laughter*. Quennell, Peter (ed.). Nova York, 1956, p. 139.
27. Cf. Turnell, Martin. *Baudelaire, a study of his poetry*. Londres, 1953, p. 193.

28. Baudelaire. *The essence of laughter*. p. 139, 140.
29. *Ibid.*, p. 147-148.
30. Rilke, Rainer Maria. *The book of hours*. Trad. A. L. Peck, Londres, 1961, p. 117-135.
(Tradução livre: Mas as cidades procuram o seu próprio bem-estar, não o de outras; / arrastam tudo com elas em sua pressa impetuosa. / Despedaçam animais como árvores ocas / e incontáveis nações elas queimarão por desperdiçar.)
31. Citado in Jackson, Holbrook. *The Eighteen Nineties*. Londres, 1950, p. 105.
(Tradução livre: Londres, Londres, nosso deleite / Grande flor que só se abre à noite / Grande cidade do sol da meia-noite / Cujo dia começa quando o dia já está feito. / Lâmpada atrás de lâmpada contra o céu / Abre um inesperado olho radiante / Lançando uma luz em cada mão / Os Lírios de ferro do Strand.)
32. Wunderlich, Frieda. *Farm labor in Germany, 1810-1945*. Princeton, 1961, p. 159-202 e *passim*.